



SCHLOSS-HÔTEL WILHELMSHÖHE

(Hans Arnold)

Vilém Flusser

KASSEL
31/10/66

Prof. Milton Vargas,
a/c Themag,
Igo do Arouche 24, 5^a,
São Paulo.

Caro amigo,

uma primeira reportagem das minhas impressões. Falei com muita gente aqui na Alemanha e na Austria. Adorno, Mas Prod, Coing, Sebaste, Klug, Minnemann, Grossmann, Italiaander, etc. (Grassi esteve em Meschia). Comecei a publicar na Frankfurter Allgemeine, Sueddeutsche de Munique, e na Presse de Vienna. Pronunciei conferências, e participei de debates. Falei com jovens. Em suma: tenho o primeiro contacto. Eis o resultado provisório:

A Alemanha é um país com enorme complexo de culpa. Todos, inclusive os que nasceram depois de 45, vivem debaixo da sombra da enormidade cometida. É o único tema. E o complexo impossibilita uma pesquisa e um pensamento desprendidos. Por exemplo: para Bense semântica é nazismo. Para Adorno metafísica é proibida na Alemanha. Para Korr editor da Frankfurter e alto funcionário nazista, a Alemanha deve expiar abstendo-se da filosofia. Para Schmael, (Professor de psicologia em Munique e educado num Castelo de Hitler), os alemães deveriam tornar-se judeus. (A propósito, esse ariano modelo está casado com Yara Bernette).

O segundo fator é a prosperidade ameaçada. O país vive além dos seus meios, e os efeitos começam a se tornar evidentes. O perigo é o empobrecimento da pequena burguesia, que é tradicionalmente a portadora da bestialidade. Mas creio que desta vez os intelectuais são tão de alerta. O terceiro fator é a divisão, e a situação catastrófica no Oriente. O comunismo é um óbvio fracasso. Mas de tal forma tudo que lembra nazismo é recusado, que a propria reunificação é posta em dúvida como ressurgimento do nacionalismo.

A Austria é diferente. Lá o nazismo está quase à tona. Heer definiu os partidos austriacos como vermelhos marrões, pretos marrões e azuis marrões. A Austria era sempre o berço dos facismos, e continua sendo. Isto, acompanhado de uma óbvia estagnação intelectual e de um tradicionalismo e saudosismo ridículo, torna Viena uma cidade com ar irrepresentável, embora bela.

A Edith foi, (sem mim), a Fraga. A mais bela cidade do mundo, mas uma cidade de mendigos. Duas vezes derrotada, pelos alemães e os russos. Edith voltou profundamente entristecida pela indignidade da vida em Fraga. Moral desfeita, mesquinhez, sujeira, mas as pessoas ainda cultas.

Voltarei a dar notícias, quando tiver tempo. Sinto saudade suas. Espero que tudo está o.k.

Abraços

TELEPHON: 300 61 · FERNSCHREIBER: 09 922 61

2

Vilfredo Pariser,
87 Old Santiago Ave.,
Holliswood, Long Island,
New York.

New York, Jan. 15, 1967

Prof. Milton Vargas,
c/o Themag,
Igo. do Arouche, 24, 52,
S. Paulo.

Caro amigo, decididamente esta viagem é longa demais. Não estou "behaust" e não consigo concentrar-me. Falei com muita gente, conheci muita coisa, distanciei-me irônicamente do Brasil, mas não sintetizei as impressões e não sei se terei proveito. Tres temas fundamentais preocupam os países visitados: (1) Alemanha: Nazismo e complexo de culpa. (2) Espanha: guerra civil e adaptar-se a Franco, (3) EEUU: Descrença na ciência, (também nps cientistas, contrariamente ao que diz o amigo), e culpa pelo Vietnam. Em geral: descrença nas bases da civilização obviamente esgotada. E certeza da derradeira derrota pelas "massas subdesenvolvidas". Ainda não visitei MIT, embora tivesse telefonado com Santillana. Impressão: velho caduco. As maiores personalidades encontradas: Adorno, Friedrich Heer, Harries de Yale, (Heideggeriano) e Hannah Arendt. Aqui domina o logicismo, na Espanha domina um anti ortegianismo confuso, na Alemanha Husserl, mas Wittgenstein está surgindo poderosamente. Heidegger ofuscado, com excepção talvez da França. Mas, embora seja o trabalho filosófico muito desenvolvido e de nível infinitamente superior ao nosso, (com forte influencia da Igreja especialmente na Europa), falta, a meu ver, o ar de aventura do Vicente. É preciso confessar que não encontrei Grassi.

Voltarei em fevereiro. Não sei que fazer na minha volta, mas não creio que viver na Europa me entusiasme. (Com excepção, talvez, de Roma, mas aí há o problema da lingua). E a saudade aperta. Afinal, já criei raízes nestes quase trinta anos. Qui vivera, verria.

Espero que tudo esteja bem consigo e sua familia. Não quer escrever-me? Cordiais saudações aos seus, também da minha senhora, e um forte abraço